

**T**udo parece um grande sonho ou pesadelo? Estamos, sem dúvida, vivendo uma das mais rápidas e empolgantes evoluções tecnológicas voltada ao diagnóstico e tratamento de uma quantidade imensa de enfermidades. Esta parafernália de instrumentos “despencam”, todos os dias de diversos centros que detém tecnologias sofisticadas, no cotidiano do profissional ligado a área da saúde, em especial no trabalho médico. A capacidade de infiltração e impregnação dos conhecimentos e da aplicabilidade destas “poderosas” máquinas, normalmente encontram espaço favorável para serem incorporadas, na maioria das vezes com certa facilidade, no arsenal de técnicas para o diagnóstico e tratamento das doenças.

Em sociedades mais avançadas (Estados Unidos e alguns países da Europa), que já passaram por período semelhante ao nosso, entenderam que este caminho deverá ser reanalisado, tendo em conta os resultados nem sempre satisfatórios tanto para o paciente quanto para a sociedade como um todo.

Devemos acreditar que nada superará o bom atendimento clínico, desde uma cuidadosa anamnese e exame físico, quanto uma orientação pacienciosa, muitas vezes sem qualquer prescrição medicamentosa, esclarecendo na maioria das vezes aquilo que de uma forma obscura atormenta a vida de um ser humano. Esta conduta, nem sempre atrelada a solicitação de exames complementares, oferece um índice de acerto diagnóstico de cerca de 80% dos casos.

Devemos voltar, não ao tempo dos homens da caverna, mas sim voltar a repensar o papel da atuação profissional, que tanto se sacrificou para entender não simplesmente a fisiologia e a fisiopatologia, mas sim entender *o sentimento* de alguém que padece por qualquer motivo de falta de saúde.

O uso indiscriminado destas novas tecnologias, além de encarecer e inviabilizar a maioria dos tratamentos, conduz também, aos poucos, ao indesejado afastamento do relacionamento médico/paciente.

Sem dúvida, o bom senso sempre irá superar qualquer avanço tecnológico, mas quando aplicado, deverá ser pautado pelos compromissos sócios e éticos.

JOSÉ ROBERTO PROVENZA  
Editor Associado

---